

JACQUES MARITAIN: FILÓSOFO DA INTELIGÊNCIA

Geraldo Pinheiro Machado

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Honro-me em trazer uma contribuição na qualidade de professor do Setor de Pós-Graduação (Departamento de Filosofia) desta Universidade ao debate da exposição tão vivida e tão cheia de significados que acaba de ser proferida por D. Cândido Padim. D. Cândido dirigiu por longos anos a então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta Universidade.

Minha modesta contribuição, além disso, se alinhará — espero que sem destoar muito do conjunto — à do caro amigo André Franco Montoro, também professor há longos anos desta Universidade, filósofo do direito, da linhagem dos juristas filósofos brasileiros configurada por Clovis Bevilacqua, e, hoje, governador ilustre do Estado de São Paulo.

O tema da inteligência aparece em Jacques Maritain no horizonte dos dois grandes desafios filosóficos típicos da modernidade, o do evento das ciências da natureza no começo dos tempos modernos e o do direcionamento social da filosofia a partir da primeira metade do século passado. Aparece também e principalmente nos ensaios elaborados em torno da filosofia da arte.

Penso sugerir algumas indicações em breves notas para tentar surpreender um Maritain filósofo da inteligência.

1. MARITAIN E SANTO TOMÁS DE AQUINO

A filiação teórica explícita aos princípios de Santo Tomás de Aquino é um traço característico de Jacques Maritain. Não será justo analisar sua obra sem levar em conta esta filiação constantemente explicitada¹.

Não aceitava sequer a designação de neotomista. Nesse caso preferia ser paleotomista. “Sou, espero, diz por fim, tomista”².

Em contato com os fatos culturais do século XX, porém, elaborou um pensamento bastante criativo e empenhativo. Reteve uma solícita e por vezes entusiástica atenção no seu país (embora na França não no mundo acadêmico), nos Estados Unidos, nos países hispano-americanos, no Brasil. Com nítidos traços de liderança intelectual.

Essa presença está registrada em fontes diversas. Alceu Amoroso Lima, em *Maritain et l'Amérique Latine* observava textualmente, em 1948: "Desde 1925 até nossos dias creio que nenhum pensador europeu terá sido na América objeto de tantas referências, de citações, de comentários, de livros publicados pró ou contra suas idéias, de suplementos de jornais ou de revistas, de centros de estudos em seu nome"³.

Durante mais de 50 anos de ininterrupta produção literária trouxe ao diálogo e ao debate o pensamento dos filósofos modernos e contemporâneos. O último produto legado por Jacques Maritain foi uma entrevista. Antonio Carlos Villaça — escritor, poeta, ensaísta, jornalista, mais do que tudo isso extorsionário... — extorquiu do filósofo nos seus noventa anos, em Toulouse, 1972, essa entrevista que considero uma obra prima de dupla grandeza humana, a do entrevistado e a do entrevistador. Está no *Livro de Antonio*, da José Olímpio⁴. Nesse documento quase testamentário, que é a entrevista, Hegel se encontra presente, como um sinal. Sinal de diálogo. Diálogo e briga, debate, disputa.

Procuo interpretar de duas maneiras a postura de filiação a Santo Tomás sustentada pelo nosso autor. Uma delas é que a filosofia aparece a Maritain como resultado de longos séculos de atividade, uma tradição. Cumpre às gerações apropriar-se deste legado com modéstia e reverência. Seria uma variante da tese da **filosofia perene** privilegiando o modelo tomista. Esta interpretação pode ser documentada na Primeira das **Sete Lições sobre o Ser**⁵. O tomismo então é visto não apenas como um segmento histórico, sim como uma síntese amadurecida que domina os tempos e "responde aos problemas modernos, na ordem especulativa e na ordem prática, portador de uma virtude formadora e libertadora face às aspirações e às inquietações do tempo presente"⁶. Maritain diz esperar desse modelo "na ordem especulativa, o resgate (salut) **atual** dos valores da inteligência; na ordem prática, o resgate **atual** (na medida que dependa de uma filosofia) dos valores humanos" (ibd).

A segunda interpretação é de que Maritain preferiu, como Jackson de Figueiredo o fará poucos anos depois, ser um soldado da Igreja. Santo Tomás é um dos grandes filósofos da cristandade. Nesta segunda fórmula interpreto Maritain através das Sagradas Escrituras. Há um verbete do livro da Sabedoria que aconselha: se você encontrar um sábio gaste as solas do seu sapato e os degraus da escada da casa dele. Maritain encontrou um. E quis gastar os seus sapatos, sem reservas...

2. O SOCIAL

Em *Pessoa e Bem Comum* (1947) Maritain diz considerar a distinção entre pessoa e indivíduo de particular proveito para o

pensamento contemporâneo. É uma componente metafísica de que lhe parece carente o pensamento contemporâneo⁷. Assim, ao abordar a problemática social, propõe nitidamente um modelo de intervenção filosófica. Pretende estabelecer uma “filosofia social centrada sobre a dignidade da pessoa humana”. Quer que esta filosofia social se diferencie por af de qualquer “filosofia social centrada sobre o primado do indivíduo e do bem privado”⁸.

Um leitor de hoje percebe sem dúvida nessas colocações a fala do filósofo. Poderá perguntar em seguida se estas categorias filosóficas se prestam realmente a uma operacionalização política, ou mesmo ainda analítica como as categorias sociológicas, por exemplo, opressor, dominador, dirigente. Ou como oprimido, dominado. Será que contribuem aquelas categorias e aquela distinção para a relevante operacionalização que a prática social (intelectual) de hoje caracteriza como conscientização? Haverá uma conscientização filosófica? Será isto necessário realmente ao pensamento contemporâneo? Jacques Maritain acha que sim. Acha que é de “particular necessidade”. O livro **Pessoa e Bem Comum** é apontado por ele como breve síntese de outros escritos de filosofia social de sua própria autoria até então⁹ baseados nesta distinção e que de certo modo a explicitam também. Indica em nota de rodapé cinco desses livros anteriores¹⁰. Noto eu que não incluiu nesta listagem **Cristianismo e Democracia** (1942), nem **Princípios de uma Política Humanista** (1945) em que de fato a mesma distinção está implícita. Depois de **Pessoa e Bem Comum** publicou, na fase de Princeton, em inglês, **O Homem e o Estado** (1951)¹¹.

Uma das principais propostas desse elenco de livros é a do **humanismo integral**, de 1936. Esta foi aceita unanimemente no encontro de Montevideo em 1947, pelos convencionais brasileiros, chilenos, uruguaios e argentinos, segundo o depoimento de Alceu Amoroso Lima, como “fundamento intelectual” das conclusões fixadas nesse conclave¹². Tais conclusões, na seqüência, estiveram presentes à origem dos partidos democrata-cristão dos países em questão.

Ora, a idéia de pessoa é explicitada filosoficamente no tomismo através da categoria de **substância intelectual** e é esse exatamente o procedimento de Maritain. Pode ser seguido entre outros neste mesmo texto de **Pessoa e Bem Comum**, cap. II, de p. 11 a 25 na edição aqui citada. Não há possibilidade alguma de ir além desta indicação neste nosso trabalho, mas parece que se torna uma evidência que uma teoria da inteligência, incluindo aparentemente o primado da inteligência na própria tratativa dos problemas sociais, suporta a filosofia social de nosso autor.

3. A NATUREZA

Se o social é o novo em filosofia, a natureza é o antigo e venerável. Tema velho, reelaborado sempre nas artes, nas ciências e nas

filosofias. Às vezes parece desaparecer em determinadas fases culturais e de repente ressurgir com vigor inesperado.

Está sempre presente na sabedoria popular, a quem fornece o modelo básico de razão, bem como o mítico e o complexo imaginário mágico ou realístico. A terra, os animais, as árvores, o verde, o vento, a chuva, o sol, a lua, o céu, as montanhas, os rios, as enchentes, o mar...

O modelo filosófico que tematiza a natureza acompanha essa dinâmica cultural.

O jovem escritor da PUC de Campinas, Regis de Moraes, observa agora, em 1977: "O processo urbanístico, envolvido pela mentalidade cientificista do industrialismo tecnológico, estabeleceu, em certo momento, uma ruptura entre o espaço habitado pelos homens e a natureza. Hoje vemos uma reação a isto no trabalho dos urbanistas mais conscientes, a luta pela reimplantação de espaços verdes e a campanha de reavivamento do significado dos logradouros para convivência urbana. Mas a reorientação é sempre mais lenta e difícil do que a primitiva desorientação. Em dado momento, o mundo científico e tecnológico rompeu com a natureza. Tal rompimento significa que a natureza deixou de ser apreciada e respeitada como mensageira de uma harmonia legítima, para representar tão somente um manancial de matéria prima. Nada de contemplar a natureza ou, como queria o poeta "ouvir estrelas". Era urgente **fazer** alguma coisa com a natureza e ir às estrelas"¹³.

Parece a expressão do bom senso que vela sobre as letras nacionais, como dizia outro escritor. Expressão onde não falta a dose do humor literário brasileiro. Tal humor não esconde o trágico que está presente ao autor de **Violência Urbana**, da coleção Primeiros Passos e de **Dostoiévski**, da coleção Encanto Radical, da editora Brasiliense.

Jacques Maritain entende a filosofia da natureza como o problema central para o debate sobre filosofia e ciência¹⁴. Isto significa que este núcleo temático se constitui de modo privilegiado no espaço para elucidar a identidade e a necessidade da filosofia, a saber, estabelecendo a necessidade de uma filosofia da natureza face às ciências da natureza.

A meu ver, Maritain privilegia na verdade dois momentos para evidenciar o específico filosófico: este da filosofia da natureza no confronto filosofia da natureza e ciências da natureza, outro o da filosofia cristã, no confronto filosofia e cristianismo, onde está desafiado a guardar a "pureza específica" e o "perfeito rigor" da atividade racional¹⁵ e onde explicita a filosofia como a "formação e organização dinâmica da inteligência"¹⁶, entendendo que uma filosofia é filosofia "enquanto racional, não enquanto cristã" e que o que importa mais numa filosofia "não é que ela seja cristã, é que seja verdadeira"¹⁷.

Esta rigidez (talvez excessiva) e nítida categorização parece que nosso autor adquire no primeiro momento de identificação do tífico filosófico no âmbito do pensamento moderno, aquele da filosofia da natureza, onde se confrontam filosofia e ciências da natureza.

Para a multidão dos críticos modernos e contemporâneos parece que as ciências da natureza são suficientes para a teorização da natureza. Não é necessária uma filosofia da natureza. A filosofia poderá ser reservada para outros assuntos: a natureza se presta a uma leitura matemática, exata, progressiva, suficiente.

Maritain entende que a leitura matemática da natureza (no modelo das ciências da natureza) não substitui a leitura filosófica da natureza. Por um lado. Por outro lado, a filosofia da natureza é de "primeira importância para a sabedoria", é a primeira sabedoria que "se nos oferece no movimento progressivo e ascensional da razão. Por isso tem tanta importância para nós, precisamente porque está no mais baixo da escala da *philia tes sophias*"¹⁸. A idéia parece ser a seguinte: a tematização filosófica da natureza se relaciona com as ciências da natureza, de um lado: relaciona-se com outras áreas da tematização filosófica, por outro. Fará falta no interior mesmo da filosofia, como uma etapa teórica necessária. O conjunto filosófico não permite que se passe por alto este questionamento filosofia da natureza versus ciências da natureza.

Maritain procura estabelecer a necessidade da filosofia da natureza, neste horizonte das ciências da natureza, em um longo capítulo no qual visualiza dois processos, um a que denomina *análise ontológica*, que responde às formulações da filosofia e outro que denomina de *análise empiriológica* e que responde aos propósitos operacionais das ciências¹⁹.

Ora, o que desejo fazer notar é que a *análise ontológica* e os seus modos de definir próprios, aparecem nesse texto orientados na direção de uma inteligência da realidade física, ao passo que a *análise empiriológica* e seu modo próprio de definir, não atendem a esse projeto.

Ao contrário, em certo sentido, lutam contra a inteligência, é a observação textual do autor²⁰.

4. A INTELIGÊNCIA

Parece ser, de fato, um tema maritainiano. Parece mesmo ter função diretriz no seu discurso filosófico.

Vem das primeiras horas. O livro *Reflexões sobre a Inteligência e sobre sua Vida Própria* (1929) está na seqüência da primeira série de livros sistemáticos de filosofia, *Arte e Escolástica* (1920) e *Elementos de Filosofia* (1920-1923)²¹.

Arte e Escolástica registra os primeiros momentos deste acento privilegiado do tema da inteligência. A idéia de arte é formulada em conexão com a idéia de poder (virtude) intelectual²². Neste sentido a arte não é o fato tão somente das belas artes — do artista — mas de todo homem nas atividades que se ordenam a uma obra a fazer — o artesão. A obra a fazer é o definidor da arte. Uma primeira etapa se estabelece na diferenciação entre a ordem especulativa direcionada para o conhecer e a ordem prática dirigida ao fazer e ao agir²³.

Numa segunda etapa trata-se de impedir qualquer fissura neste bloco analítico em relação à sensibilidade. Neste modelo filosófico a sensibilidade é o que caracteriza o ser humano no universo dos seres inteligentes. “Importa observar, diz Maritain, que o belo conatural ao homem, e que é próprio da arte humana (...) é apreendido no **sensível** e pelo **sensível**; não separadamente. A intuição do belo artístico mantém-se, assim, no extremo oposto da abstração do verdadeiro científico”²⁴.

Não é a inteligência analítica, da filosofia ou da ciência, que está no discurso sobre a arte maritainiana. É uma inteligência que se exercita “longe de qualquer esforço de abstração”, sem “trabalho e sem discurso” (ibd). O autor oferece um instrumento interpretativo novo com a categoria de **sentido inteligenciado**²⁵.

Entre esse conjunto de obras do início dos anos 20 e **Reflexões sobre a Inteligência e sobre sua Vida Própria** está o episódio **Charles Maurras e Action Française**, que aparece em três documentos sob a responsabilidade de Maritain, dois em colaboração com outros intelectuais católicos e um, logo em 1926, de sua autoria exclusiva — **Uma Opinião sobre Charles Maurras e o Dever dos Católicos**.

Maritain em **Reflexões sobre a Inteligência e sobre a sua Vida Própria** visualiza o processo vital da inteligência. Os dialogantes deste livro são os filósofos e cientistas, não a sociedade. É porém a consistência do intelectual na sociedade que está no horizonte de reflexão. São os grandes ideais da inteligência na civilização contemporânea a motivação subjacente. O livro **Doutor Angélico** (1929)²⁶ sobre Santo Tomás de Aquino, que provém do mesmo instante criativo de **Reflexões sobre a Inteligência e sobre a sua Vida Própria** tematiza efetivamente inteligência e sociedade, no caso, inteligência cristã e sociedade cristã.

No itinerário desta tratativa da inteligência estão finalmente o metódico e muito trabalhado **Distinguir para Unir ou Graus do Saber** (1932) — procura profunda de unidade no universo intelectual, **Quatro Ensaio sobre o Espírito em sua Condição Carnal** (1939), que Maritain

indica como suplemento ao **Distinguir para Unir**²⁷. Está ainda **Ciência e Sabedoria**, um dos grandes textos do nosso autor²⁸.

5. MARITAIN E A RÉFLEXION FRANÇAISE

A mim aparece hoje Jacques Maritain como um representante muito qualificado da clássica **Réflexion Française**. Entendo por aí a longa série de autores e textos franceses, desde Descartes, envolvidos na tomada de consciência crítica da dinâmica cultural moderna. Tal movimento não pode ser visto senão de um ângulo eminentemente dialético, desafiado predominantemente no correr de dois longos séculos pelos novos ideais intelectuais e pelas novas práticas de elaboração científica e desafiado predominantemente desde meados do século passado pelos ideais e pelas novas práticas de transformação social.

Passa a **réflexion** numa linha quebrada por Maine de Biran na virada dos séculos XIX e XX, por Vitor Cousin e pelo Ecletismo, malgrado a repulsa dos franceses por este autor e sua escola, de muita influência no Brasil, por Augusto Comte, também de grande importância para o pensamento brasileiro, por Marx, que tem tanto a ver com Paris e com os franceses; passa, para mencionar mais dois polos temáticos maritainianos, pela chamada filosofia cristã, sob cuja perspectiva já procurava escrever Frederico Ozanan no meado do século passado²⁹ e por Bergson, para quem o cristianismo estava no horizonte de uma visão do mundo moderna e atraente.

Jacques Maritain pôde dispensar-se do confronto com o ecletismo — que eliminou de vez de seu campo de trabalho através da filiação a uma escola histórica definida. Não pôde dispensar-se do confronto com o cientificismo positivista e com a analítica social, peculiar à sua cultura nacional, desde pelo menos o último quarto do século XVIII.

O contexto desta **Réflexion Française** parece-me oferecer uma leitura de Maritain complementar à leitura corrente no contexto universal do tomismo. Em qualquer das leituras surge um dos filósofos mais inteligentes do século XX e, ao mesmo tempo, um dos homens mais magnânimos, magnanimidade persistente quer nos ideais que propôs, quer na prática intelectual que exercitou.

NOTAS

(1) Em **La Personne et le Bien Commun**, Paris, Desclée de Brouwer, 1947, p. 7, um exemplo ilustrativo, onde a referência aos princípios de Santo Tomás não é reclamada pelo texto.

(2) **Court Traité de L'Existence et de l'Existant**, Paris, Hartmann, 1947, p. 9/10.

(3) Alceu Amoroso Lima, Maritain et l'Amérique Latine, **Revue Thomiste**, Paris, 48 (1-2) : 12-17. 1948. (Número Especial intitulado Jacques Maritain: son oeuvre philosophique).

- (4) Antônio Carlos Villaça, **O Livro de Antonio**, Rio, José Olímpio, 1974, p. 15 a 31.
- (5) Jacques Maritain, **Sept Leçons sur l'Être et les Premiers Principes de la Raison Speculative**, 6^è, Paris, Téqui, s/d, p. 6 (1^è edição 1934).
- (6) Idem, p. 5.
- (7) Jacques Maritain, **La Personne et le Bien Commun**, ed. cit., p. 7.
- (8) Idem, p. 9.
- (9) Idem, p. 10.
- (10) Ibd., nota 1 de rodapé.
- (11) Jacques Maritain, **O Homem e o Estado**, trad. Alceu Amoroso Lima, 2^è ed., Rio, Agir, 1956, 251 p.
- (12) Alceu Amoroso Lima, Maritain et l'Amérique Latine cit., p. 17.
- (13) J. F. Regis de Moraes, **Ciência e Tecnologia: Introdução Metodológica e Crítica**, 4^è ed., Campinas, Papirus, 1983, p. 164/5.
- (14) Jacques Maritain, **La Philosophie de la Nature** (Essai Critique sur ses Frontières et son Objet). 3^è ed., Paris, Téqui, s/d, p. 2. (1^è edição 1935).
- (15) Jacques Maritain, **De la Philosophie Chrétienne**, Rio, Atlântica ed., 1945, p. 5.
- (16) Idem, p. 22.
- (17) Idem, p. 42/3.
- (18) Jacques Maritain, **Philosophie de la Nature (...)**, ed. cit. p. 2/3.
- (19) Idem, **Terceiro Capítulo**, p. 69 a 146.
- (20) Idem, p. 48/9 e 72/3.
- (21) Jacques Maritain, **Réflexions sur l'Intelligence et sur sa Vie Propre**, 4^è ed., Paris, Desclée de Brouwer, 1938, 380 p.; **Éléments de Philosophie. I – Introduction Générale a la Philosophie**, 6^è ed., Paris, Téqui, 1925, 228 p.; **Éléments de Philosophie. II – L'Ordre des Concepts. 1. Petite Logique (Logique formelle)**. 6^è ed., id, id, 1923, 355p.
- (22) Jacques Maritain, **Art et Scolastique**, 4^è ed., Paris, Art, Catholique, 1947, IV, p. 17 a 34.
- (23) Idem, II, p. 11 sgts.
- (24) Idem, p. 39.
- (25) Idem, p. 175.
- (26) Jacques Maritain, **Le Docteur Angélique**, Rio, Atlântica, 1945, 277p.
- (27) Jacques Maritain, **Distinguer Pour Unir ou Les Degrés du Savoir**, 4^è ed., Paris, Desclée de Brouwer, 1946, 919 p.
- (28) Jacques Maritain, **Science et Sagesse**, Paris, Labergerie, 1935, 393 p.
- (29) Antoine Frederic Ozanan. Em **La Civilisation au Cinquième Siècle (Oeuvres Complètes**, 5^è ed., Tome Premier, Paris, Victor Lecoffre, 1894, p. 413) refere-se à filosofia cristã.